

Paisagens da memória: narrativa oral, paisagem e memória social no processo de construção da identidade¹

Edna F. Alencar²

Introdução

A região do Médio Rio Solimões é formada por florestas inundadas onde predomina o ecossistema de várzea³ com grande concentração de biodiversidade e uma alagação sazonal anual provocada pela variação no nível da água, que oscila ao longo do ano entre 8m na estação seca, e 15m na estação das chuvas (SCM/CNPq, 1996: 13; AYRES, 1996). No verão, o volume das águas do rio atinge o nível mais baixo tornando visível extensas praias situadas ao longo das margens do rio. No inverno, período das chuvas, o nível das águas atinge o volume máximo ampliando o leito do rio que cobre as áreas de terras mais baixas. Esta variação no nível das águas, além de imprimir um ritmo de vida a população local também provoca transformações na paisagem que são identificadas por dois fenômenos opostos. De um lado há a formação de praias com a fixação das dunas de areia que são movimentadas pelas fortes correntezas. Em menos de uma década as praias são colonizadas por vegetação típica da várzea (SCM/CNPq, 1996: 13; AYRES, 1996) dando origem a uma ilha, com vegetação mais densa formada por árvores de grande porte. Ao longo dos anos a deposição de sedimentos durante as cheias elevará o nível do solo dando condições para que a população use as terras mais altas dessa ilha para o cultivo de roças, para a criação de animais e, posteriormente, para fixar residência. De outro lado está o fenômeno da terra caída (BATES, 1989; ALENCAR, 2002; CUNHA, 2003) que é o desmoronamento de grandes extensões de terras situadas às margens do rio, derrubando árvores, casas, e as plantas frutíferas cultivadas pelos moradores⁴.

¹ Este trabalho foi apresentado na forma de palestra na International Conference on Storytelling and Cultural Identity, em junho de realizado em Angra do Heroísmo, Ilha Terceira, Açores, PT, em 27 a 29 de junho de 2005, organizado pela Brock University, University of Massachusetts at Amherst, e Centro Cultural de Congressos-Angra do Heroísmo, PT. As informações apresentadas neste trabalho são parte da pesquisa realizada para a elaboração da nossa tese de doutoramento pela Universidade de Brasília. A pesquisa foi realizada na comunidade São João, localizada na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, Estado do Amazonas, e foi financiada pelo Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá - IDSM/ MCT

² Doutora em Antropologia pela Universidade de Brasília, Professora de Antropologia da Universidade Federal do Pará / Campus de Santarém; Pesquisadora Associada do Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá/MCT.

Recebido em 07/2007. Aceito em 09/2007

³ As várzeas compreendem as terras situadas às margens dos rios de águas brancas e sofrem inundação no período do inverno quando ocorrem as cheias dos rios. As várzeas ocupam cerca de 1,5 % de toda a planície Amazônica e se estende numa área de 65 mil km² em território brasileiro.

⁴ Às vezes a terra caída destrói ilhas inteiras ou dá origem a enseadas, alterando irreversivelmente a configuração da paisagem e dificultando a ocupação humana.

O processo de criação e destruição dos terrenos da várzea pode ser perceptível de um ano para outro, e em situações mais drásticas a terra caída pode destruir um povoado inteiro no curto espaço de tempo de algumas horas, sem que os moradores tenham condições de salvar seus pertences que se encontram dentro das casas, ou de colher a produção das roças (ALENCAR, 1994; 2002). Quando há tempo, as famílias desmancham as casas e as reconstróem em local onde calculam que não será atingido pela terra caída. Mas esse cálculo nem sempre é acertado, pois há um alto grau de imprevisibilidade em relação à amplitude das alagações sazonais, momento em que ocorrem os desmoronamentos de terra.

Essa dinâmica ambiental é um dos principais fatores que influencia significativamente no modo de vida das populações locais, caracterizado pela freqüente mobilidade⁵ das pessoas e dos povoados, e na maneira como ocupam o espaço, como realizam as atividades de subsistência e, principalmente, na concepção de mundo (ALENCAR, 2002). As representações que fazem dos fenômenos que observam como a terra caída, por exemplo, associam esse fenômeno à ação de certas entidades míticas, como a Cobra Grande (ALENCAR, 2002) que, acreditam, tem sua morada em locais onde ocorre a terra caída.

Diante do processo de transformação da paisagem e do contínuo deslocamento das famílias, dois fatores que estão associados a existência de um padrão de ocupação humana que se caracteriza pela baixa densidade populacional (LIMA & ALENCAR, 2000), surgem algumas questões: por que as famílias permanecem neste tipo de ambiente, e num determinado lugar em particular, e não buscam áreas mais estáveis para fixar residência? Como elas lidam com os freqüentes deslocamentos das casas e com o desaparecimento dos terrenos onde os ancestrais construíram as primeiras casas, as primeiras roças? Considerando que a terra caída é um fator que limita o tempo de duração dos povoados e dificulta que as gerações mais jovens consigam identificar na paisagem do presente alguns vestígios das ações dos antepassados, elementos importantes no processo de construção da identidade e conservação da memória social, quais estratégias os moradores utilizam para conservar a memória social sobre a história da formação do grupo social?

Para responder a estas perguntas tomaremos o povoado São João como exemplo, por se tratar de um povoado cuja história do lugar é marcada pela mobilidade constante das casas provocada pela terra caída, que além de alterar a paisagem, também destrói referências materiais importantes, necessárias para construir as molduras da memória social. Através deste exemplo esperamos mostrar que a continuidade deste grupo social num ambiente onde a paisagem está continuamente em transformação é uma maneira de afirmar o pertencimento a um lugar, mesmo que não corresponda ao mesmo espaço físico que foi ocupado pelos primeiros ancestrais. O lugar é uma categoria através da qual as pessoas se percebem no mundo e se situam numa paisagem em permanente transformação.

⁵ O termo mobilidade é usado para referir ao processo constante de deslocamento espacial das casas dentro de um espaço geográfico específico, quando as pessoas mudam o local de moradia, mas permanecem no mesmo território cujas fronteiras são constantemente alteradas.

Como fonte de informação recorreremos às narrativas dos moradores que falam sobre a história da formação do grupo social e da ocupação do espaço pelas gerações passadas, transformando-o em um lugar, e sobre as transformações que ocorreram na paisagem. Nas narrativas percebemos a dificuldade encontrada pelos moradores para ancorar suas memórias em toponímias estáveis, diante de uma paisagem em constante transformação. Assim, precisar a localização dos eventos passados é tarefa simbólica de alta complexidade, posto que a paisagem do presente muitas vezes já não corresponde à paisagem do passado. E se as pessoas não encontram na paisagem do presente uma moldura para os eventos narrados perde-se os elementos de reforço da memória do grupo. Portanto, as narrativas tornaram-se as principais fontes de informações para se conhecer o modo como as pessoas percebem e se situam no ambiente, e as estratégias utilizadas para lidar com as contínuas transformações da paisagem e situar o ouvinte numa paisagem que não mais existe, sendo agora uma paisagem da memória.

Para falar das ações dos antepassados e localizar espacialmente os eventos, os narradores recorrem a uma estratégia que consiste em descrever a paisagem do passado, hoje uma paisagem da memória, presentificando o espaço no tempo. Dessa forma eles podem mapear as ações dos antepassados, interpretar as experiências passadas que levaram a formação do lugar e do grupo social. Ao ouvir e reproduzir essas narrativas as pessoas reforçam os vínculos com um lugar.

A ocupação do espaço para construir um lugar

As relações que as sociedades humanas estabelecem com o ambiente são expressas através da atribuição de valores e de significados a certos elementos que estão presentes neste ambiente, e pelo uso de categorias culturais para classificar estes elementos. Categorias sociais como as de lugar e de espaço, por exemplo, embora sejam categorias universais do pensamento humano têm conteúdos e significados contextuais, pois resultam dos diferentes tipos de experiências que cada sociedade em particular mantém com o ambiente.

Numa sociedade humana, a noção de espaço está associada à idéia de localização de lugares que são importantes para o grupo social, não apenas por estarem associados às atividades de reprodução social, mas por serem referências importantes para a construção da identidade cultural. O conhecimento que cada pessoa possui do espaço não se restringe ao que se torna conhecido pela experiência direta, mas abrange os espaços míticos (TUAN, 1983), aqueles espaços que embora não sejam conhecidos, sabe-se de sua existência. Em sociedades com economia baseada na caça e na pesca, por exemplo, o conhecimento do amplo território que constitui o espaço sobre o qual desenvolvem suas atividades, embora não tenha valor prático imediato, é necessário para que as pessoas estabeleçam as molduras do espaço no qual se movem cotidianamente. Isso significa que as fronteiras que formam um espaço mítico são imprecisas já que se constituem em “uma extensão conceitual dos espaços familiar e cotidiano dados pela experiência direta” (TUAN, 1983: 96).

Não existe um grupo social que não tenha qualquer relação com um lugar, com um espaço. O espaço torna-se socialmente significativo e se transforma em lugar, quando nele se inscreve a história do grupo, quando é socialmente construído, transformado pelo trabalho das gerações passadas. A continuidade das ações das gerações do presente, que partilham este mesmo espaço, que possuem interesses comuns e desenvolvem atividades de sociabilidade e, principalmente pelos laços de parentesco que unem as famílias, garante o vínculo com o lugar e impede a mobilidade para outros locais. Quando o grupo social abandona um lugar, o lugar deixa de existir e se perdem os fios da história do grupo que lhe deu origem. Portanto é o grupo social que constrói e dá significado ao lugar, e cada grupo constrói sua identidade a partir dos vínculos de parentesco que unem as famílias entre si e estas com o lugar aberto pelos ancestrais. O pertencimento ao lugar, e a um grupo de parentesco garante o acesso ao território e aos recursos naturais, e funciona como um mapa cognitivo que orienta as relações entre as pessoas e entre essas e o ambiente.

A dinâmica ambiental da várzea do Médio Solimões afeta a vida dos moradores e influencia na maneira como ocupam o espaço para construir suas casas e fazer suas roças. Para entender a relação que os moradores do São João estabelecem com o lugar é preciso conhecer as características do ambiente onde está localizado o povoado, marcado por variações sazonais e por transformações irreversíveis na paisagem. O povoado São João foi formado nos anos 30 do século XX por famílias que estavam migrando das áreas de fronteira do Brasil com o Peru, destacando as famílias Ramos e Macário (ALENCAR, 1994; 2002). Situado às margens do rio Solimões, em uma área de várzea onde a ocorrência do fenômeno das terras caídas, e a formação de praias e de ilhas alteram a paisagem e a configuração espacial do território, no período de 80 anos o povoado sofreu modificações na sua configuração espacial com as casas sendo constantemente desfeitas e refeitas em áreas mais distantes das margens do rio.

Uma característica dos povoados da várzea é a sua localização às margens de rios ou lagos, com as casas distribuídas ao longo das margens, de modo que todas tenham seu próprio porto, e fácil acesso à água para realizar diversas atividades. Esta localização permite que controlem a movimentação de pessoas e de embarcações, pois o rio é a única via de acesso às comunidades. No São João as casas estão localizadas a uma curta distância das margens do rio, para facilitar o acesso ao porto, principalmente no verão quando o nível da água fica muito baixo e o leito fica distante das margens, exigindo que as pessoas façam longas caminhadas para coletar água para o uso diário e para o transporte de produtos. Esta localização deixa as casas muito vulneráveis no período das enchentes, quando parecem flutuar no leito do rio, e quando há a ocorrência de terra caída, já que não há previsão de quando isso pode ocorrer ou a extensão de terra que irá desmoronar. Nos locais onde as terras caem de forma gradual, as famílias conseguem mudar as casas para um local mais afastado das margens. Quando a área apresenta uma grande instabilidade, significa que num curto espaço de tempo, três anos ou menos, as famílias terão que mudar suas casas de lugar.

No decorrer das décadas os moradores acompanharam o lento processo da terra sendo substituída pela água, à medida que o leito do Solimões avançava em direção a suas casas. Eles mudaram suas casas de lugar, viram desaparecer o cemitério, o campo de futebol, a escola, as plantas cultivadas pelos antigos e as áreas de capoeiras, todos levados pela terra caída. Ao mesmo tempo, viram surgir praias que depois viraram ilhas e, aos poucos, formaram lagos, ressacas e isolaram cursos de água alterando a configuração do seu território. Apesar da mobilidade constante, e das transformações na paisagem, os moradores não abandonam o lugar, e buscam algumas referências espaciais que existiam no passado para reforçar as ações do presente e a relação com o lugar. Esta persistência em permanecer num lugar que já não corresponde ao que existiu no passado é uma característica dos grupos sociais que possuem fortes vínculos com um lugar, pois como mostra Halbwachs diante da transformação que ocorre num lugar, numa cidade,

“Um grupo (...) não se contesta em manifestar que sofre, em indignar-se e protestar na hora. Resiste com todas as forças de suas tradições, e essa resistência não permanece sem efeito. Procura e tenta, em parte, encontrar equilíbrio antigo sob novas condições. Tenta se manter ou se adaptar a um quarteirão ou rua que não são mais para ele, mas sobre o terreno que já foi seu” (HALBWACHS, 1990: 137).

A permanência das famílias é uma forma de resistência, movida pela necessidade de manter o vínculo com o lugar que foi construído pelas gerações passadas, já que a referência de identidade do grupo social está vinculada ao lugar, e à família que lhe deu origem. O lugar compreende o local onde estão as casas, as roças e as capoeiras das famílias que descendem de um ancestral comum; as áreas onde são desenvolvidas atividades de pesca e de extrativismo e inclui, ainda, os locais que são significativos por servirem como âncoras da memória e da história do grupo. Os limites deste lugar nem sempre podem ser conhecidos pela experiência direta, mas através de narrativas que relatam as ações que as gerações passadas realizaram sobre o espaço, construindo um território que está sendo destruído paulatinamente.

O ambiente da várzea onde está localizado o São João contrasta com ambientes onde os terrenos estáveis permitem aos grupos sociais que ali vivem conservar os elementos que são significativos para reforçar os quadros sociais da memória (HALBWACHS, 1990). Este é o caso dos Sanumá⁶ onde a paisagem estável permite que o movimento espacial das aldeias ao longo das décadas, dentro de um certo território, seja mapeado tanto pelas ações desenvolvidas pelas pessoas em busca de alimentos, e de locais para construir as aldeias, como pelas narrativas que falam dos deslocamentos realizados pelos antepassados. A história do grupo está inscrita na paisagem e pode ser mapeada à partir das trilhas abertas na mata, dos cursos de água, duas referências materiais importantes para situar os eventos

⁶ Grupo que habita a região fronteira do Brasil com a Venezuela e fala uma das quatro línguas da família lingüística Yanomami. ALCIDA RAMOS **Memórias Sanumá**: espaço e tempo em uma sociedade Yanomami. Brasília: Editora da UnB – São Paulo: Editora Marco Zero, 1990.

narrados onde “está inscrita uma geografia que também é história (...) É como se fossem as veias e os capilares que regam não só de água, mas de memória e significado cultural o corpo prático e simbólico da sociedade Sanumá” (RAMOS, 1990: 29-30). Outros elementos da paisagem que servem como suporte da memória dos Sanumá são as capoeiras, os territórios de caça, os locais de coleta e de pesca, os acampamentos de verão, e as trilhas que ligam as antigas aldeias e roças (RAMOS, 1990). Um segundo exemplo é o estudo realizado por Renato Rosaldo (1980) com os Ilongot, onde ressalta a importância do espaço no processo de mapeamento dos eventos históricos. No contexto *Ilongot* as narrativas sobre a história, e a memória dos eventos históricos têm como referência os lugares habitados anteriormente, os quais podem ser meticulosamente mapeados na paisagem. Mesmo que o grupo realize uma mobilidade geográfica freqüente, a paisagem conserva os vestígios de suas antigas moradias, de suas antigas roças, servindo como suporte para preservar lembrança dos eventos históricos. O conhecimento do passado, socializado através dos relatos dos mais velhos aos mais jovens, é um fator importante na construção e reafirmação da identidade coletiva no presente (ROSALDO, 1980; 48).

Portanto, nos contextos onde os grupos sociais estão fortemente enraizados em um espaço geográfico estável é possível a construção de uma memória topográfica que serve de suporte às elaborações simbólicas e às representações sobre a identidade coletiva. É possível identificar os vestígios das ações humanas e mapear as trilhas construídas pelos antepassados ao percorrer os locais onde foram construídas as roças, as casas, onde ocorreram eventos históricos e sociais importantes, que podem ser mapeados na paisagem através das narrativas. As âncoras da memória são buscadas em elementos fixos da paisagem como as montanhas, os rios, as cachoeiras, as ruas, os monumentos, dentre outros, como aparece em trabalhos de Price (1988), Bosi (1993), Delória jr. (1994), e Gow (1995). Nesses casos, a paisagem geográfica é um contexto que emoldura a temporalidade das lembranças, reforçando a relação entre memória e lugar, e a articulação de espaços simbólicos e culturais onde a memória do passado busca suporte para pensar uma situação do presente.

Para os moradores do São João, entretanto, a terra caída não apenas altera a paisagem do lugar, como reduz o território construído pelos antepassados, e apaga alguns vestígios da ocupação ancestral, como as casas, as plantas cultivadas ao longo de vários anos e os cemitérios onde estavam enterrados os moradores mais antigos que construíram o lugar. Apesar das transformações na paisagem, da constante mobilidade, das perdas materiais e simbólicas, e do desaparecimento de importantes referências espaciais para conservação da memória, os moradores do São João entendem que estão dando continuidade ao lugar que foi construído pelos ancestrais. O vínculo com as gerações passadas e com o lugar é reforçado com as narrativas daqueles que são os guardiões da memória, que ao narrar a história do grupo dão continuidade ao lugar na memória das gerações presentes. Através da memória coletiva as pessoas podem se localizar num espaço geográfico, pois a localização do lugar de origem de um dado grupo social é um

dos focos dessa memória coletiva (LITTLE, 1994). Portanto, através das narrativas as pessoas conseguem recompor a paisagem do passado, atribuir sentidos ao lugar, reforçar a memória coletiva e dar significado à identidade do presente.

As narrativas se inserem numa categoria de discurso por meio do qual as pessoas expressam sua concepção de universo e o modo como se relacionam com o ambiente. Sendo uma linguagem, um outro modo de falar sobre a experiência vivida (GOW, 1995: 61), podem ser entendidas como uma leitura que os moradores fazem sobre o seu mundo e que permite entender o jogo complexo de construção da sua identidade e as transformações na paisagem. O ato de narrar eventos, de (re)contar histórias sobre eventos que ocorreram em lugares particulares da paisagem, num tempo particular, é uma maneira de falar das experiências passadas dos fundadores do lugar e do grupo social, ao desenvolverem suas ações sobre um espaço em particular, realizando escolhas e respondendo às mudanças no ambiente. É também uma forma de conservar a memória sobre a história do lugar.

Tecendo a memória e reconstruindo a paisagem

O debate em torno da memória social mostra divergências quando se trata de explicar o processo de lembrar, de como conservar na memória, ou esquecer, os fatos passados. Para Halbwachs (1990) o passado não é conservado intacto em nossa mente, pois dependemos do grupo social para despertar as lembranças. Por isso a memória social é um processo coletivo, onde o grupo social desempenha um importante papel no processo de lembrar e de conservar a memória. Nas situações em que há a dispersão do grupo social, e a falta de comunicação entre as gerações, torna-se difícil a socialização das lembranças e a fixação da memória porque há uma descontinuidade dos acontecimentos. No processo de lembrar as pessoas tendem a selecionar um conjunto de memórias a partir de sua experiência do presente, tornando o trabalho da memória uma “reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente” (HALBWACHS, 1990: 71). Numa posição contrária à de Halbwachs, há os que afirmam que o passado é mantido intacto no inconsciente e atualizado de modo integral no presente de forma consciente (BERGSON, 1959 apud BOSI, 1994: 54). Nessa perspectiva, não se associam os sujeitos que lembram à memória do grupo, ou à relação entre eles. A memória é um processo individual, independe do grupo, da existência de pessoas que tenham vivenciado os mesmos eventos, que possam despertar os silêncios da memória.

Neste trabalho nos alinhamos à teoria de Halbwachs para analisar a realidade encontrada no povoado São João onde o ambiente é um fator que dificulta que sejam preservados no tempo os caminhos e os monumentos antigos, ou seja, as evidências materiais do passado, as referências materiais do lugar que foi construído pelos antepassados, e que ajudam a construir os quadros sociais da memória sobre os eventos narrados.

Para entender as estratégias utilizadas pelos moradores para conservar a lembrança do passado e construir a memória da história do grupo e do lugar, recorremos à memória de algumas pessoas que conservam fragmentos da história de formação do lugar e do grupo social. Mas no trabalho de lembrar eles buscam na paisagem do passado os vestígios do existiu antes. A preservação dessa memória mostra que, apesar das alterações na configuração da paisagem inicial, as pessoas que “conheceram em seu estado primeiro podem também deter sua atenção sobre esses traços antigos que lhes dão acesso a um outro tempo e a um outro passado” (HALBWACHS, 1990: 127). Nas narrativas observamos que no processo de lembrar os narradores selecionam os eventos mais significativos para reforçar o vínculo com o lugar e a identidade do presente. Eles se esforçam para recompor a paisagem do passado como uma forma de dar credibilidade ao que está sendo narrado, uma vez que na paisagem do presente não se encontram as evidências por eles apontadas. Nesse sentido, o esforço dos narradores é conduzir suas lembranças a um passado para encontrar um lugar que se transformou, e fazer com que os moradores de hoje vislumbrem na paisagem do presente a paisagem que existiu no passado. O trabalho de construção social da memória exige que o grupo “crie esquemas coerentes de narração e interpretação dos fatos (...) que dão ao material de base uma forma histórica própria, uma versão consagrada dos acontecimentos” (BOSI, 1994: 67).

No processo de narrar o passado, os moradores do São João selecionam significativamente certos fatos do passado que servem de suporte para a construção da história do lugar, e que são essenciais para a compreensão da identidade que se constrói no presente. Como enfatizou Halbwachs, a memória social é um processo coletivo onde a participação do grupo social é fundamental para reforçar as lembranças e estimular sua emergência, pois nem tudo que é vivido é lembrado. Através do convívio, e por meio da narrativa dos eventos passados, pessoas que pertencem a diferentes gerações podem partilhar um mesmo conjunto de lembranças, e de memórias, sobre a história do lugar. Quando isso ocorre, torna possível a comunicação entre as diferentes gerações e permite partilhar de experiências e opiniões, pois “se as memórias que tem do passado da sociedade divergem, os seus membros não podem partilhar experiências ou opiniões” (CONNERTON, 1999: 03).

Os moradores do São João reafirmam sua identidade com um lugar e com um grupo de parentesco através da construção de uma memória genealógica horizontal curta, que alcança até duas gerações ascendentes. Há um conjunto de memórias que enfatiza o momento de fundação do grupo social que inicia com a saída do patriarca João Ramos do Peru e sua chegada ao Médio Solimões onde fixou residência. Este evento é sempre lembrado para reforçar a relação dos moradores com a terra e o pertencimento a um grupo social específico, num processo onde a construção da identidade no presente se ancora no passado recente. Ou seja, a memória “é o resultado de um trabalho de organização e de seleção daquilo que é importante para o sentimento de unidade, de continuidade e de coerência – isto é, de identidade” (ALBERTI, 2004: 27).

Eles vieram do Peru. Era o finado vovô João Ramos, a família dele. Tinha o Manoel Zildo, o tio Fortunato (...) Eles moravam tudinho aí onde é agora a enseada. Era seis famílias que morava aqui. Desde que eles vieram de lá criavam muito gado. Aí a terra caiu e eles se mudaram pra cá pra dentro, que não caía. Quando eles vieram aqui para dentro já foi depois que o meu tio [Fortunato Ramos] tirou essa terra daí com o irmão dele. Só tinha esse povoado aqui. Sei que nas alturas que tinha esse povoado aí foi no tempo que abriu esse cemitério aí. Esse cemitério não foi de agora não. O cemitério daqui era ali em cima onde já caiu. O meu pai contava que isso aqui era uma praia. Isso aqui que fica longe do rio, era o canal antigamente, aí saiu essa praia. Ali em cima, onde tem aquela ponta, ali era um campo⁷ que o papai tinha feito. (Vitoriano Ramos, São João, Novembro de 2000).

Considerando que a memória social é um discurso que fala do passado e também do presente, a interpretação que é feita do passado reforça a auto-imagem criada pelo grupo no presente. Ao relatar as ações passadas os narradores também estão realizando uma espécie de documentação das “ações de constituição de memórias” (ALBERTI, 2004) que são desencadeadas no momento em que reconstroem o passado de forma a dar sentido às ações do presente. A preocupação do grupo em fixar uma imagem para a história leva os narradores a valorizarem certos aspectos do passado, vistos no presente como positivos, como a fartura de recursos naturais, e a omitirem os aspectos negativos. Isso mostra que o trabalho de “constituição e de formalização das memórias” (ALBERTI, 2004: 27) envolve uma negociação continuada, seleciona o que deve ser lembrado e esquecido. Assim, ao narrar o passado os narradores constroem o presente, selecionando o que é mais significativo para ressaltar certos aspectos considerados positivos da identidade do presente.

O meu pai contava que eles moravam num tal lugar Tomé, aí dentro do Auati-Paraná. E contam que lá era um rio muito desabitado. Um rio que não tinha concorrência, e ficava muito difícil. Aí do Auati-Paraná vieram pra cá. Então eles vieram procurar [outro lugar] e não demora eles chegaram nessa área aqui. E aqui tinha muita fartura nessas alturas, e era bom de zelar. Meu pai me contava, minha mãe, que esses lagos aqui atrás, quando eles entravam, até onze horas eles já estavam com a canoa cheia de tracajá, tartaruga, era pescaria, era de tudo que trazia. Só bicho de casco, né. Tinha um curral cheio de bicho de casco⁸. Era só ir lá no curral e tirar uma tartaruga que queria comer. Pirarucu, isso ninguém fazia caso. Tinha muito, muito nesses lagos que nós mantemos aí. Ainda cheguei a ver essa fartura (...) (Antonio Moraes Ramos, São João, 1993)

Eu vi o velho mesmo contando que ele vinha diretamente para Tefé. Eles saíram do Auati-Paraná para morar em Tefé e lá tava essa irmã dele, Rosa, morando lá. Aí quando chegou aqui no Bonsucesso, parou pra pescarem, pra pegarem rancho. Eles iam trabalhar aí um dia pra conseguir rancho pra agüentar até chegar lá. Aí quando chegaram aí, era muito farto, tinha muita produção, muito pirarucu, muita tartaruga, peixe-boi. Era tudo com fartura aí nessas ilhas (...) Aí eles ficaram pescando, ficaram pescando, até que conseguiram esse lugar pra esse lado. Aí não foram mais para Tefé, ficaram já morando aí mesmo. Até hoje ainda tem gente deles. (Ladislau Macário, São João, 2000).

⁷ No sentido local, o termo *campo* refere-se à porção de terra onde a floresta foi derrubada e onde cresce grama rasteira.

⁸ O costume de fazer curral para criar tartarugas era uma prática muito comum entre os índios que habitaram essa região da várzea (MEGGERS, 1987; PORRO, 1995; 1998).

Cada narrador, dependendo de sua idade, ou seja, da sua distância genealógica em relação aos fundadores do grupo social, irá enfatizar aspectos distintos da história, com o propósito de dar significado à identidade do presente. Na falta de uma pessoa que seja o detentor da “memória e da tradição, através da qual o grupo se legitima” (WOORTMANN, 1995: 242), a existência de vários narradores, pertencentes a diferentes grupos de idade e a gêneros distintos, demonstra como o grupo valoriza a memória do passado.

Entre a paisagem do presente e a paisagem da memória

A mobilidade geográfica das casas e do povoado São João ao longo de 80 anos ocorre dentro de um território cujas fronteiras são desfeitas com a transformação da paisagem. Os moradores acompanham as transformações não apenas porque desenvolvem ações construindo casas, fazendo roças e pescando, mas através dos relatos dos mais antigos que em suas narrativas abrem parênteses para falar da paisagem do passado, e das transformações que aconteceram. Por esse motivo, ao longo de suas narrativas é possível ouvir expressões como: “- Nesse tempo essa terra era lá...”; “- Nesse tempo essa ilha aí não existia”; “- Isso aqui era um campo grande, bonito”; ou “- Nesse tempo não tinha aquela ilha”; ou ainda “- Nesse tempo o canal do rio passava aqui onde tem essa ilha”. No esforço de abrir as gavetas da memória, as pessoas recorrem a certos elementos da paisagem do presente para situar os eventos passados e reforçar a memória: um rio, um lago, uma capoeira, uma árvore, uma praia, uma grande cheia ou uma seca atípica. Trata-se de uma tentativa de situar o ouvinte do presente numa paisagem do passado, realizando um exercício de sobreposição de imagens de duas paisagens.

Isso aqui era quase daquele lado do paraná. Esta ilha ali [na margem oposta do Solimões] são ilhas novas. Não existia. Esse paraná chegava lá...[onde hoje corre o Solimões]. A boca, a entrada do paraná era muito em cima. O rio mesmo ficava pra lá da restinga alta. Aí veio criando, abrindo, veio criando, criando essas praias, né? Aí foi ficando esses paraná. Ai foi criando essas ilhas. E essa ilha que ele [rio Solimões] vinha criando, veio jogando pra cá e foi quebrando essa terra, né? Foi caindo, aí meu pai e os irmãos vieram entrando. Vieram entrando. E aí o povoado era fora, muito fora, a terra já foi embora. Isso era um campo de gado. Tinha muito gado. Aí nós viemos pra cá. Tá com 56 anos que eu tenho aqui. Me criei e estou ficando velho aqui. (Antônio Moraes Ramos, São João, abril de 1993).

“De primeiro essa boca não era aqui, era lá em cima. Essa casa ali onde mora Antônio Ramos, ali era o lugar de um homem por nome Joaquim Portásio e ficava longe da boca (1,5 km). A gente vinha por terra pra brincar com os meninos dele aí. Nós era pequenininhos. Era praia isso aqui e secava tudo, tudo! Desse lado aqui tinha a casa do Manoel Portásio, do finado Herculano, do finado Ascêncio Vasquez. Eles moravam longe da boca. Tinha um cacocal grande, cheio de açaí. Era bonito, bonito, bonito isso aí! Foram derrubando, derrubando, até que acabaram com o açazeiro e a terra também foi quebrando. A terra da frente foi quebrando e caiu. Tinha mangueira, tinha laranja, tinha muita planta! Tinha um cemitério bem aí onde era o campo. E o cemitério a terra

quebrou todo, até a minha filha que tava lá enterrada foi embora⁹.” (Ladislau, São João, outubro de 2000).

Nas narrativas, a paisagem do passado, uma paisagem da memória, que é conservada principalmente pelas gerações mais velhas, é repassada às gerações mais novas através de um processo de presentificação do espaço no tempo. Com este jogo de sobreposição de imagens os narradores conseguem informar os ouvintes sobre as transformações que ocorreram na paisagem, procurando estabelecer uma continuidade da paisagem do passado na paisagem do presente. Nesse sentido, a mudança somente é compreensível através de recortes que se tornam aparentes apenas no momento da narrativa, no contraste estabelecido entre a paisagem do presente e a paisagem do passado. Este trabalho da memória mostra o esforço do grupo para construir uma resistência coletiva visando reforçar o vínculo com o lugar e evitar que as raízes se percam. Como afirma Halbwachs “quando os membros de um grupo estão dispersos e não encontram nada, em seu novo ambiente material que lhes lembra a casa e os quartos que deixaram, se permanecerem unidos através do espaço, é porque pensam nesta casa e nestes quartos” (1990: 133). Somente aqueles que estão inseridos nesta paisagem, os moradores, possuem esta percepção da mudança, e também da continuidade, que é parte da história e da identidade do grupo.

Quando eu vim morar pra cá, aquela ilha [Macaquinho], onde é o meu terreno, era assim como essa praia aí, já tava formando ilha, era um tabuleiro¹⁰. Aí foi crescendo aquelas tacanas, aquelas imbaúbas, aí ficou uma ilha. Aí foi o tempo que não serviu mais pra tabuleiro, aí ficou lá criando ilha, criando os matos (...) Aí a ilha cresceu e foi o tempo que eu me casei e fui morar lá pra criar bois. Aí abrimos um lugar lá, passemos o gado nosso pra lá e fomos morar lá. Era uma costa bonita que tinha, mas já caiu tudo. (Ladislau, São João, 2001).

O papai conhece isso tudo aqui. Ali, quando chega alguém conhecido dele, da época dele daqui, aí vão conversar: - Ah compadre, tá muito diferente lá o São João!; - Ah compadre, nunca mais fui lá no São João; - Ah compadre, quero que o senhor veja como que tá, totalmente diferente! Aquela terra fulano de tal, ali bem, não existe mais. Aquela ilha já se acabou. Lá pro outro lado de lá tem duas, três ilhas. Eles chamam duas, três ilhas por causa que é uma por fora e outra por dentro. - Aí são duas, três ilhas, compadre, na frente onde era o rio mesmo. Ali onde tapava, agora tem um lago chamado Poção. Ali onde era o Macaquinho (ilha) que entrava o motor, agora não passa mais nada! Fechou, já é lago! E aí eles ficam conversando! Aí eles se entendem. Agora, a pessoa que entra no meio não entende! (Carlos, São João, novembro de 2000)

⁹ “Ir embora” pode significar tanto mudar para outro lugar quanto dizer que alguém morreu. O narrador está falando do corpo da filha que estava enterrado no cemitério e que “foi embora” junto com a terra que o abrigava, para o fundo do rio. Portanto, expressões como: *se acabou tudo, foi embora tudo*, geralmente são ambíguas porque tanto pode significar morte, quanto mudança de um lugar para outro. Ou seja, a morte é uma mudança para outro lugar.

¹⁰ Praias recém formadas que surgem nas margens ou no meio do rio Solimões na época do verão, quando o rio atinge o nível mais baixo, onde as gaivotas e diferentes espécies de quelônios fazem a desova. No verão, é possível ver o movimento das gaivotas sobrevoando as praias, sempre atentas para proteger seus ninhos dos predadores.

Na narrativa a seguir se pode observar como, diante das transformações que ocorrem na paisagem, as pessoas estão permanentemente em busca de referências para identificarem no presente, a paisagem do passado, e tornar crível suas lembranças.

Isso aqui é uma ilha! A terra verdadeira mesmo que a gente anda é a de lá, onde tem o andirobal. Lá é a terra da comunidade verdadeira, onde foi formada a comunidade de São João. A terra era onde ta agora a enseada lá! Inclusive tem um canozinho que tá aí na enseada, e o papai conta que aquele canozinho era no centro da mata! Era longe esse cano pra chegarem nele! Ai ele tava dizendo: - É verdade meu filho, esse cano aqui um dia já foi no centro e agora tá na beira da água... Por aqui eu andava com teus tios matando pirarucu. E agora tá na beira do rio [Solimões]. Inclusive a terra caída está puxando ele. Então, pelo que ele diz, a terra deveria ser lá quase daquele outro lado do rio! (Carlos, São João, novembro de 2000)

“O São João mesmo era lá em cima, onde já caiu tudo. Era ali naquela terra de lá, na terra geral onde tá o andirobal. Essa mesma terra que vai sair ali embaixo. Essa ilha aí era uma praia. Aí foi crescendo as tintaranas, aí foi crescendo as embaúbas, as caxingubas. Primeiro foi um tacanal, aí foi crescendo as embaúbas, tacanciras, mungubeiras e virou já essa ilha e ficou esses lagos (...) O pessoal morava lá em cima naquela terra que saía pra lá que agora é a enseada, que não tem mais. É lá que eles moravam. Lá onde o pai do compadre Fortunato morava quando eu conhecia isso aí, que eu cheguei aqui pequeno. Aí tinha um campo grande de gado era um terreno bonito, bonito, bonito mesmo. Tinha um goiabal grande, tinha um barracão do velho. (Ladislau, São João novembro de 2000).

Os marcos referenciais de suporte da memória são buscados numa paisagem do passado que não corresponde a mesma paisagem que é vista no presente. Ou seja, não há a prova do olhar que busca na paisagem do presente a contextualização espacial da narrativa sobre o passado. Ao referir a paisagem do passado e as ações que os antigos nela realizaram, os narradores procuram implicar as pessoas na paisagem (Gow 1995) do passado de modo que esta possa ser percebida como realidade pelos mais novos.

Eu trabalhava com meu pai aí dentro, e nós ia passando pelos lugares e ele ia me falando: “- Por aqui eu já passei com teu avô”. “- Por aqui eu já andei com seu fulano de tal que já morreu”. Aí ele me conta as histórias todas daí desse cano. Inclusive, bem na entrada do cano ele diz: “- Meu filho, aqui morou um homem que vendia essas coisas, tecidos, botão, vendia aqueles negocinhos de colar; e com o tempo ele saiu daqui, abandonou a casa e se acabou tudo”. Isso era naquela terra que fica atrás dessa ilha aqui. Nessa ilha era onde ele me disse que passava o rio [Solimões]. Aí ele me contava que por aí era o rio verdadeiro mesmo. (Carlos Ramos, São João, novembro de 2000).

O mapeamento das trilhas construídas pelos antepassados permite que os moradores de hoje adquiram uma identidade com uma paisagem do passado, e um vínculo com um grupo de parentesco. Ao percorrer a paisagem transformada o narrador procura situar os eventos relatados pelo pai, buscando vislumbrar uma paisagem que não coincide com a paisagem que está sendo vista. Ao (re) narrar os eventos, ele recorre a fala do pai para legitimar seu discurso e construir uma memória da paisagem. Através desta memória ele consegue mapear a paisagem do

passado quando “o rio verdadeiro mesmo” corria no local onde hoje existe uma ilha, e apreender um modelo de saber que é reforçado pela experiência empírica de viver em uma paisagem em transformação. Quando reproduz o discurso do pai ele também reafirma o vínculo com o lugar construído pelos ancestrais, pois ambos, ouvinte e narrador, apresentam um “interesse comum em conservar o narrado que deve poder ser reproduzido” (BOSI, 1994: 90).

O conhecimento sobre o ambiente ocorre tanto pela observação das mudanças que se processam no presente, experiência direta, como pelas experiências acumuladas das gerações passadas e transmitido na forma de um saber, dá condições às pessoas de fazer previsões para o futuro, de calcular os riscos do investimento em uma determinada terra, seja com o cultivo de banana, seja fazendo um roçado, seja construindo uma casa. Assim, a partir de uma experiência do passado que constrói os modelos culturais de apreensão da realidade e são frutos da inserção de uma sociedade num ambiente dinâmico, e através da observação das transformações na paisagem, as pessoas conseguem visualizar na paisagem do presente as modificações que poderão ocorrer no futuro, como a formação de uma nova ilha, de um lago, de uma ressaca ou uma enseada.

Na narrativa a seguir observamos que embora o narrador não tenha vivenciado os eventos narrados, ele consegue apontar as transformações que ocorreram na paisagem, e as que poderão ocorrer no futuro, buscando legitimar o seu discurso na experiência do pai transmitida através de narrativas quando percorrerem juntos a paisagem. Portanto, a legitimidade do que é narrado não é dada pelo vivido, e sim pela experiência compartilhada através da narrativa.

E hoje ele [pai] olha assim e conta às vezes pra mim: - Olha aqui era assim antes, hoje já ta assim do jeito que nós tamos vendo aqui. E daqui mais uns dias, meu filho, posso não tá vivo, mas tu ta. Ele diz pra mim assim: – Pode acreditar como aqui vai ser um lago! Escuta o que tô te dizendo! – Tu vai ver só como isso aqui vai ser um lago. Por isso que tô dizendo que é três imagens ao mesmo tempo que ele vê: o que ele viu antes, né?, o que ele ta vendo hoje, e já prevenindo o futuro! Porque uma pessoa que mora aqui, nasceu, cresceu aqui nessa terra ela vê como as ilhas se forma, vê como elas se destrói e vê pra onde elas muda, né? Aí vai acompanhando esse desenvolvimento aqui nesse Solimões! O Solimões é difícil de se entender, é cheio de mistérios mesmo! (Carlos, São João, novembro de 2000)

A vivência empírica das mudanças e a experiência partilhada com as gerações mais velhas são importantes para a construção deste saber que permite prever o que acontecerá no futuro. As pessoas podem vislumbrar como será a paisagem no futuro porque acompanharam as transformações do presente e, através das narrativas, a paisagem que existiu no passado. Portanto, a maneira como percebem e se relacionam com o ambiente ocorre com a utilização de mapas cognitivos que são como “modelos de realidade” (GEERTZ, 1997), construídos não apenas por viverem nesse ambiente e desenvolverem certas habilidades, como também através da interação com este ambiente.

No São João os moradores não podem percorrer certas trilhas e atalhos construídos pelas gerações passadas sobre a paisagem, pois onde havia terra agora é rio, é lago, é enseada. E onde havia rio agora é terra, é uma ilha, um paraná. As marcas deixadas na paisagem pelas gerações passadas como as capoeiras e as plantas¹¹ e que serviriam como testemunhos de um trabalho passado, e que funcionariam como espaços-âncora da memória familiar que está pautada no trabalho que constrói o lugar, estão desaparecendo. Como pontos importantes de referência, tanto para situar na paisagem geográfica quanto para situar numa paisagem de parentesco, e como importantes veículos de comunicação entre as diferentes gerações, capoeiras e plantas possibilitam um contato social implícito no tempo, e fazem sentido apenas para aqueles que pertencem ao grupo pois “cada aspecto, cada detalhe desse lugar em si mesmo tem um sentido que é inteligível apenas para os membros do grupo” (HALBWACHS, 1990: 133). A sucessão do trabalho, a continuidade das ações das gerações presentes sobre o mesmo espaço, constrói um vínculo das gerações do presente com as gerações passadas, e com o lugar.

Conclusão

Neste trabalho mostramos que numa região de intensa dinâmica ambiental, onde as transformações na paisagem física é uma constante, é através da memória social e de narrativas orais que os moradores de uma comunidade da várzea do Médio Solimões conservam a memória sobre a história do lugar e do grupo social. No trabalho de lembrar os narradores do São João não conseguem ancorar suas memórias em toponímias estáveis, e os fatos narrados são emoldurados por uma paisagem do passado que não encontra correspondência ou comprovação na paisagem do presente.

Na tentativa de localizar geográfica e temporalmente um evento, os narradores buscam certos elementos da paisagem que são fixos, como o rio Solimões, e também os elementos dinâmicos da paisagem, como as ilhas, os lagos, as enseadas que indicam o local onde antes havia terra, e que permite aos ouvintes acompanhar os eventos que fazem parte da história do lugar. Eles também buscam os registros da história do grupo social em algumas evidências das ações dos antepassados, como as capoeiras e as plantas, as quais possuem um papel importante na construção do vínculo entre as gerações, servindo para reforçar a identidade e mapear as relações de parentesco que unem as gerações do passado com as do presente.

¹¹ As casas não aparecem como referencial importante, já que, sendo construídas de madeira, quando desfeitas deixam poucos vestígios, no máximo os *barrotes* sobre os quais são fixados os *esteios* que formam a estrutura da casa. Esses *barrotes*, quando não são arrancados para serem usados na nova casa, são rapidamente envoltos pela vegetação.

No entanto, com as mudanças que estão ocorrendo no contexto social e econômico da região, com a introdução de novas tecnologias como a TV, a antena parabólica, e com a migração das gerações mais velhas para a área urbana, aos poucos a paisagem do passado tenderá a se apagar porque não haverá mais comunicação entre as gerações, não haverá o repasse de saberes e da memória sobre a história do lugar aberto pelos ancestrais. Com a comunicação entre as gerações interrompida, as novas gerações deixarão de ter acesso às experiências dos ancestrais, e as narrativas orais deixarão de ser fontes importantes de informações sobre a história do lugar, sobre o modo como os antepassados construíram uma relação com o ambiente da várzea, e o conhecimento que foi construído para orientar esta relação com o ambiente natural. Dessa forma este grupo social que no espaço de quase um século conseguiu se manter vinculado a um lugar, e a um território que está em constante construção, pode se desfazer porque se perderá no tempo, e no espaço, o vínculo entre as gerações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTI, V. *Owir contar: textos em história oral*. Rio de Janeiro : Editora FGV, 2004.
- ALENCAR, E. *Memórias de Mamirauá: histórico da formação de 19 localidades na região do Médio Solimões*, AM. Mimeo. Sociedade Civil Mamirauá, 1994.
- ALENCAR, E. *Terra caída: encanto, lugares e identidades*. Tese de doutorado em Antropologia. Brasília, Universidade de Brasília, 2002, 245 pág.
- AYRES, J.M. *As matas de várzea de Mamirauá*. Sociedade Civil Mamirauá/SCM-MCT/CNPq. Brasília, 1996.
- BATES, H.W. *Um naturalista no rio Amazonas*. Belo Horizonte : Itatiaia ; São Paulo : Editora da Universidade de São Paulo, 1989.
- BOSI, E. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CONNERTON, P. *Como as sociedades recordam*. Oeiras: Celta Editora. Portugal, 1999.
- CUNHA, E. *A margem da história*. São Paulo : Martins Fontes. (Temas Brasileiros), 1999.
- DELÓRIA Jr., V. *God is Red*. Nova York: Grosset and Dunlap, 1973.
- GEERTZ, C. O senso comum como um sistema cultural. In: *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis : Vozes, 1997.
- GOW, P. Land, Paper and People in Western Amazônia, In: HIRSCH, E. & O'HANLON, M. (eds) *The Anthropology of Landscape: perspective on Place and Space*. Claredon Press – Oxford University Press, 1995.
- HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice Editora, 1990.
- LIMA, D.M. & ALENCAR, E.F. Histórico da ocupação humana e mobilidade geográfica de assentamentos na várzea do médio Solimões, AM. In: TORRES, H. & COSTA, H. (orgs.) *População e Meio Ambiente: debates e desafios*. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2000.
- LIMA, D.M. & ALENCAR, E.F. *A Lembrança da História: identidade, ambiente e memória social na várzea do médio Solimões*, AM. Edition Lusotopic, Paris, France, 2001.
- LITTLE, P.E. *Espaço, memória e migração*. Por uma teoria da reterritorialização. Textos de História, Vol 2. número 4. Departamento de História, Universidade de Brasília, Brasília, 1994.
- MEGGERS, B.J. *Amazônia: a ilusão de um paraíso*. Tradução de Maria Yedda Linhares; apresentação de Darcy Ribeiro. Belo Horizonte : Itatiaia ; São Paulo : Editora da Universidade de São Paulo, 1987.
- POLLACK, M. Memória, Esquecimento e Silêncio, In: *Estudos Históricos*, UFRJ. Rio de Janeiro, 1989.

PRICE, R. *First-Time: The Historical Vision of an Afro-american People*. Baltimore, Johns Hopkins University Press, 1983.

PORRO, A. *O povo das águas: ensaio de etno-história amazônica*. Rio de Janeiro: Vozes / EDUSP, 1995.

RAMOS, A.R. *Memórias Sanumá: espaço e tempo em uma sociedade Yanomami*. Brasília : Editora da UnB – São Paulo : Editora Marco Zero, 1990.

ROSALDO, R.Z. *Ilongot Headhunting 1883-1974. A study in society and history*. California, Stanford: Stanford University Press, 1989.

SCM/CNPq/MCT *Mamirauá: Plano de Manejo*. Brasília, SCM; CNPq/MCT. Manaus: IPAAM, 1996, 96p.

TUAN, Y.F. *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: DIFEL, 1983.

WOORTMANN, E. F. Família, mulher e meio ambiente no seringal. In: NIEMEYER, A.M. & GODOI, E.P. (orgs.) *Além dos territórios: para um diálogo entre a etnologia indígena, os estudos rurais e os estudos urbanos*, Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 1998.